



Agroecologia e protagonismo social: modelos alternativos de produção agrícola no município de Porto da Folha/SE

Agroecology and social protagonism: alternative models of agricultural production in the municipality of Porto da Folha/SE

SILVA, José Natan Gonçalves da¹; MENEZES, Sônia de Souza Mendonça²

¹ Universidade Federal de Sergipe, natanufs@gmail.com; ² Universidade Federal de Sergipe, soniamendoncamenezes@gmail.com

Eixo temático: Manejo de Agroecossistemas de base ecológica

Resumo: As crises ecológicas e a insustentabilidade socioeconômica dos modos de produção agrícola baseados nos princípios da Revolução Verde aguçaram as discussões em favor da substituição da agricultura convencional “modernizada” por métodos de produção alinhados ao uso sustentável dos recursos naturais e comprometidos com a soberania alimentar. Este estudo tem como objetivo analisar as experiências da produção de gêneros alimentícios agroecológicos entre agricultores(as) familiares do município de Porto da Folha/SE. A metodologia está fundamentada na revisão da literatura e pesquisas de campo. Os resultados da pesquisa apontam para o crescimento de atividades agrícolas associadas ao paradigma da agroecologia, desempenhadas por grupos de agricultores vinculados a projetos de assentamentos rurais, comunidade quilombola e associações de mulheres agricultoras.

Palavras-chave: Agroecologia. Agricultura familiar. Sustentabilidade ambiental. Protagonismo social.

Abstract: The ecological crises and socio-economic unsustainability of grass-roots production methods underpinned by the principles of the Green Revolution are sharpened by discussions about replacing "modernized" conventional agriculture with production methods with the environment free of natural resources and committed to food sovereignty. This study had the purpose of analyzing the production of agroecological foodstuffs among farmers of the municipality of Porto da Folha / SE. The methodology is based on literature review and field research. The results of the research point to the growth of activities associated with the paradigm of agroecology, activities by groups of workers linked to rural settlements, the Afro-Brazilian community and women farmers' associations.

Keywords: Agroecology. Family farming. Environmental sustainability. Social protagonism.

Introdução

As crises ecológicas e a insustentabilidade socioeconômica dos modos de produção agrícola, baseados nos princípios da Revolução Verde condicionaram e aguçaram as discussões direcionadas à necessidade de substituição da agricultura arrolada no uso intensivo de insumos agrícolas (agroquímicos, transgênicos e mecânicos).

Em contraposição a agricultura convencional conservadora, ampliam-se os estudos e experiências acerca de modelos alternativos de produção agrícola, pautados nos paradigmas da agroecologia. Diante disso, este resumo tem como objetivo analisar



as experiências relacionadas à produção de gêneros alimentícios agroecológicos entre agricultores(as) familiares do município de Porto da Folha/SE.

Os resultados apontam para o crescimento de atividades agrícolas associadas à agroecologia, mesmo considerando, entre os agricultores familiares do município, o domínio da agropecuária pautada no uso de intensivo de insumos agrícolas. Dentre os produtores agroecológicos, nota-se a garantia da soberania alimentar da família, a autonomia ante o processo produtivo e a manutenção dos recursos naturais.

Metodologia

A metodologia apresenta perfil qualitativo e baseia-se na revisão da literatura e pesquisas de campo, sendo utilizadas como ferramentas o diário de campo e as entrevistas semiestruturadas mediante o uso da técnica de pesquisa *snowball*.

Na ocasião as entrevistas foram aplicadas junto a 11 agricultores familiares dos Assentamentos José Unaldo de Oliveira, Paulo Freire e Nossa Senhora da Conceição, bem como, a 6 agricultores da comunidade quilombola Mocambo e 4 agricultoras da Associação de Mulheres do Povoado Lagoa da Volta.

Resultados e Discussão

O município de Porto da Folha está localizado no noroeste de Sergipe, especificamente no Território do Alto Sertão Sergipano. Conforme o IBGE, sua população em 2010 compreendia a 27.146 habitantes, 63,33% viviam no espaço rural, ao passo que 36,67% no espaço urbano.

O município sempre apresentou vocação econômica atrelada à agropecuária. Recentemente, verifica-se a tendência à especialização tecnológica de segmentos da agricultura familiar, fomentada pela expansão do crédito agrícola, implementação de políticas de redistribuição de renda, bem como pelo impacto exercido pelas aposentadorias rurais. As modificações indicam a predominância de modelos produtivos associados ao paradigma da Revolução Verde refletido na mecanização, quimificação e transgenização das atividades agrícolas. Se por um lado, as transformações tecnológicas possibilitaram a elevação da produtividade e o aumento da renda familiar entre unidades de produção, por outro fragilizou os ecossistemas produtivos e os recursos naturais. Nota-se ainda, a tendência da perda da autonomia do agricultor, a dependência aos estabelecimentos fornecedores de insumos agrícolas, além da sujeição as oscilações e crises do mercado.

As transformações recentes das relações de produção no campo possuem como elemento central a modernização das práticas produtivas. Esse pensamento alinha-se com a lógica capitalista, em que “ser moderno é estar dentro desse sistema produtivo, que é excludente e concentrador” (MATOS; PESSÔA, 2011:292). Desse



modo, a ideia de desenvolvimento rural restringia a produção, e o crescimento da agropecuária era o principal indicador de desenvolvimento econômico.

Conforme Altieri (2004), na segunda metade do século XX, vários países latino-americanos engajaram-se nas modificações das cadeias produtivas no campo, a partir da adoção do paradigma da Revolução Verde. O autor enfatiza, que a adesão a esse modelo teve como meta o aumento da produtividade da agricultura, assentada no uso intensivo de insumos químicos, no melhoramento genético de variedades de sementes de alto rendimento, na irrigação e na mecanização. Alinhado a esse contexto, nota-se a criação de políticas públicas nacionais embasadas no crédito agrícola subsidiado, na pesquisa e na extensão rural.

Para Graziano da Silva (1998), a modernização das atividades agrícolas reflete basicamente dois processos: um de destruição da economia natural, pela retirada progressiva dos vários camponeses que asseguravam a “harmonia” da produção assentada na relação homem-natureza (e suas contradições); e o outro, de uma nova síntese, de recomposição de outra “harmonia” – também permeada por novas contradições –, baseada no conhecimento e no controle cada vez maior da natureza e na possibilidade da reprodução artificial das condições naturais da produção agrícola. A esta passagem se denomina *industrialização da agricultura*.

Todavia, contrapondo ao discurso da quimificação e transgenização do processo produtivo, foram identificadas experiências realizadas em assentamentos rurais, na comunidade quilombola Mocambo e na Associação das Mulheres do povoado Lagoa da Volta, que se contrapõem aos modelos hegemônicos.

As experiências encontradas nas comunidades caracterizam-se pelo trabalho coletivo fundamentado na difusão de saberes na convivência com o semiárido e na propagação do paradigma da agroecologia. Na Associação de Mulheres do Povoado Lagoa da Volta, na comunidade quilombola Mocambo e nos Assentamentos José Unaldo de Oliveira, Paulo Freire e Nossa Senhora da Conceição foram identificados a preservação de agroecossistemas tradicionais como o cultivo de mandioca, feijão, abóbora e milho associados ao plantio de hortaliças e verduras.

Para Altieri (2004), a agroecologia apresenta os princípios básicos no estudo e tratamento dos ecossistemas, sejam eles produtivos ou preservadores de recursos naturais. Fundamentada na inter-relação entre a ecologia humana e os sistemas agrícolas, esse modelo sobressai por sua condição de agricultura sustentável, socialmente justa, economicamente viável e pela valorização e recuperação dos saberes e das práticas alicerçadas na cultura agrícola do território.

Esse paradigma está alicerçado na eficiência biológica mediante técnicas de manejo que não degradam o ambiente. Além disso, está centrado num padrão de produção e de vida que garante a preservação da natureza, o fortalecimento da estrutura social e econômica das unidades de produção familiar e está culturalmente adaptado aos saberes dos agricultores.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



Os produtores agroecológicos identificados no município de Porto da Folha realizam cultivos diversificados com predomínio de frutas, verduras, hortaliças e legumes. Enquanto isso, entre os agricultores vinculados aos assentamentos rurais predomina a produção do queijo coalho como denota Menezes (2015, p. 48) “aproveitam a demanda desse produto pelos consumidores no espaço urbano”, além de comercializarem animais como a galinha e ovos de capoeira. A feira-livre, realizada às segundas-feiras na sede do município, consiste na principal alternativa de mercado desses agricultores. A feira da agricultura familiar, apoiada por instituições como a Emdagro e o MST, é referenciada pelos consumidores em decorrência do compromisso com a comercialização dos alimentos agroecológicos e saudáveis.

A criação da Associação de Mulheres Resgatando sua História do Povoado Lagoa da Volta foi incentivada por religiosas que desempenhavam papéis sociais no combate a pobreza, na organização das mulheres e na preservação do meio ambiente. Atualmente, a associação tem sede e uma área de terra equivalente a 0,5 ha. A instituição conta com o apoio e incentivo de órgãos públicos e organizações não governamentais.

Com 27 mulheres associadas elas ostentam como resultado do seu trabalho a garantia da soberania alimentar das suas famílias. O excedente dos produtos é comercializado diretamente aos consumidores das comunidades local e circunvizinhas. Além do cultivo de hortaliças, verduras e legumes, a associação desenvolve as atividades de produção de mel e de doces (balas de banana e geleia) elaborados em uma cozinha semi-industrial. No tocante ao trabalho ambiental, desenvolvem junto com jovens a produção de mudas de árvores para reflorestamento. Em aversão ao processo de transgenização do milho e com a finalidade de preservar a cultura e a diversidade agrícola do território, as integrantes realizam a seleção e construção de um banco de sementes.

Conforme Carvalho (2003), a multiculturalidade alimentar, a periodicidade da produção, a qualidade dos alimentos e os saberes/fazeres na produção e preparo dos alimentos interiorizados no território pelas diferentes gerações, bem como, a manutenção da sociedade autônoma, estão ameaçadas por uma lógica de produção capitalista atrelada ao lucro, que tem transformado as sementes e os alimentos, bens materiais e simbólicos, sinônimos de vida, em mercadorias controladas por grandes corporações multinacionais privadas.

Nos depoimentos das mulheres e homens, sobressaem discursos que tratam da importância do modelo produtivo na garantia da agricultura saudável para quem cultiva a terra e para quem consome os alimentos. Verifica-se ainda a satisfação dos produtores em desempenharem atividades que os possibilitam autonomia.

Para Silva (2016) o “novo rural” que configura o município apresenta interfaces que se traduzem em diferentes discursos propagados acerca da dinâmica do mundo rural. Se por um lado verifica-se a emergência de segmentos que atentam para a



importância da agricultura que assegure a preservação dos recursos naturais, a produção de alimentos saudáveis, a manutenção dos saberes tradicionais e a autonomia dos atores envolvidos na atividade, em contraposição, constata-se a agropecuária de base familiar tendenciosa à modernização da cadeia produtiva, que se assemelha ao paradigma difundido pela Revolução Verde.

Levando-se em consideração o modelo econômico vigente, a modernização das cadeias produtivas – especialmente do leite e do milho – foi fundamental na elevação de renda dos produtores. As comunidades rurais que apresentam maior dinamismo social e econômico estão situadas em territórios cuja agricultura familiar apresentou maior nível de especialização da base tecnológica produtiva. Questiona-se, por sua vez, até quando resistirá esse modelo diante da exploração sem precedentes dos recursos naturais e das inconstantes crises do mercado.

Conclusões

Apesar do domínio da especialização produtiva pautada no uso intensivo de insumos agrícolas artificiais no município, deve-se considerar o avanço nos últimos anos das práticas agroecológicas entre segmentos da agricultura familiar, fundamentadas na transmissão dos saberes dos atores sociais e na convivência harmônica entre os ecossistemas naturais e produtivos.

A integração entre segmentos da agricultura familiar, entidades públicas, organizações associativas, movimentos sociais e órgãos de extensão rural devem priorizar o fomento e o desenvolvimento de modelos alternativos de produção integrados ao paradigma da agroecologia. Há uma demanda acentuada dos consumidores por produtos que apresentam qualidade, não degradam o meio ambiente e sejam saudáveis. É preciso incentivar o desenvolvimento de atividades agrícolas pautada na redução do consumo de insumos, comprometida com a soberania alimentar, alinhada a gestão eficaz dos recursos naturais e ecologicamente viável.

Referências bibliográficas

ALTIERI, M. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4.ed. – Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2004.

CARVALHO, H.M. Oligopólio na produção de sementes e a tendência à padronização da dieta alimentar mundial. In: CARVALHO, H.M. (Org.). **Sementes**: patrimônio do povo a serviço da humanidade. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2003. p.95-112.

MENEZES, S.S.M. Sabores do Sertão ao Litoral: saberes e fazeres como estratégia de reprodução social e econômica de grupos familiar. **Geografias**, Vol.11, nº 2. Belo Horizonte: p. 44-66, 2015.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



SILVA, J.N.G. **Reconfiguração do espaço rural de Porto da Folha/SE: inovações socioprodutivas e ruralidades**. 2016. 191 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

SILVA, J.G. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. 2. ed. rev. Campinas/SP: UNICAMP, 1998.

MATOS, P.F.; PESSÔA, V.L.S. A modernização da agricultura no Brasil e os novos usos do território. **Geo UERJ**, Ano 13, nº. 22, v. 2. Rio de Janeiro: p. 290-322, 2011.